

Quando não bastava dar a notícia

When breaking the news was not enough

Cuando no se bastaba dar la noticia

Pedro Aguiar | pedreco@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

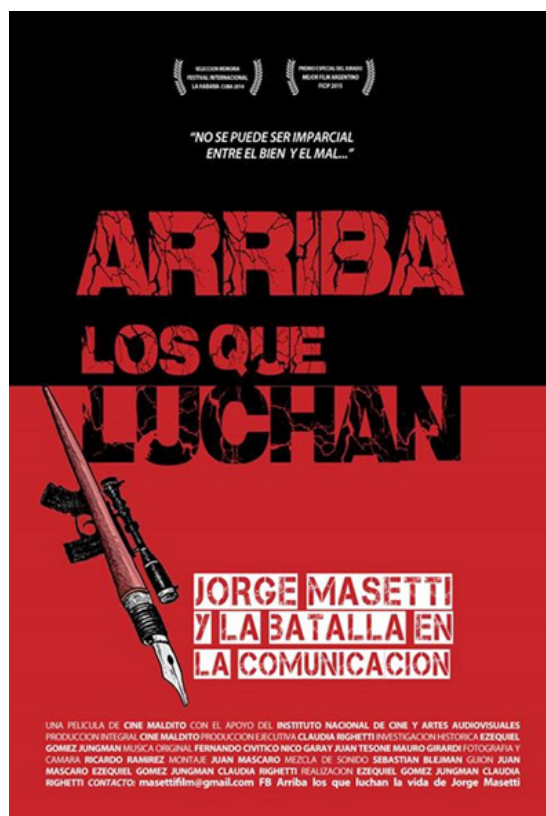


Figura1: Cartaz do filme *Arriba los que luchan*

Produção: Grupo de Cine Maldito

Direção: Ezequiel Gómez Jungmann e Claudia Righetti

Roteiro: Juan Mascaro, Ezequiel Gómez Jungmann e Claudia Righetti

Montagem: Juan Mascaro

Produção executiva: Claudia Righetti

Pesquisa histórica: Ezequiel Gómez Jungmann

Música original: Fernando Civitico, Nico Garay, Juan Tesone e Mauro Girardi

Fotografia e câmera: Ricardo Ramirez

Mixagem de som: Sebastian Blajman

Duração: 116 min.

Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=LEa1S4aVSuM>

Entrevista com Ezequiel Gómez Jungmann e Juan Mascaro: <https://www.youtube.com/watch?v=ORlgQoOiHsY>

Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Arriba-los-que-luchan-la-vida-de-Jorge-Masetti/222302157794490?fref=ts>

Premio Especial del Jurado Mejor Film Argentino do Festival Internacional de Cine Político – FICIP 2015

Histórico do artigo: Submetido 14.set.2015 | Aceito 14.set.2015| Publicado 30.09.2015.

Licença: CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciiis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores

Sinopse

O documentário narra a trajetória do jornalista argentino Jorge Ricardo Masetti, que foi um dos primeiros a entrevistar Fidel Castro e Che Guevara na guerrilha da Sierra Maestra, em 1958, e depois se tornou, ele mesmo, um revolucionário. Com eles, fundou a agência de notícias Prensa Latina, planejada para informar o continente e os países do Terceiro Mundo por uma perspectiva pós-colonial, contra o viés das grandes agências globais. Participou também da resistência à invasão da Baía dos Porcos, em 1961, e depois partiu de Cuba para lutar na guerra de independência da Argélia, em 1963, e montar um foco guerrilheiro na selva de Salta, na Argentina, onde desapareceu no ano seguinte. O filme traz depoimentos de jornalistas, ex-combatentes, amigos e outros personagens que conviveram com Masetti, e propõe uma reflexão sobre o papel da informação contra-hegemônica e da luta na comunicação internacional.

Palavras-chave: Jorge Ricardo Masetti; Revolução Cubana; Luta armada; Agências de notícias; Imprensa latino-americana; América Latina

Synopsis

This documentary tells the life story of Argentinian journalist Jorge Ricardo Masetti, one of the first reporters to interview Fidel Castro and Che Guevara in the Sierra Maestra guerrilla, yet in 1958, who later became a revolutionary himself. With them, he founded the Prensa Latina news agency, aimed at reporting to the whole continent and countries in the Third World through a post-colonial perspective, against the bias of the major global agencies. He also took part in the resistance to the invasion at the Bay of Pigs, in 1961, and later left Cuba to fight for the independence of Algeria, in 1963, and set a guerrilla of his own in the jungle of Salta, Argentina, where he went missing the following year. The film contains testimonies by fellow journalists, former guerrilla fighters, friends and others who shared work and life with Masetti, and it puts forth a reflexion on the role of counter-hegemonic information and struggle in international communication.

Keywords: Jorge Ricardo Masetti; Cuban Revolution; guerrilla; news agencies; Latin American press; Latin America

Sinopsis

El documental narra la trayectoria del periodista argentino Jorge Ricardo Masetti, uno de los primeros a entrevistar a Fidel Castro y al Che Guevara en la guerrilla de Sierra Maestra, en 1958, quien más tarde se convirtió él mismo en un revolucionario. Con ellos, fundó la agencia de noticias Prensa Latina, cuyo objetivo es informar a todo el continente y a los países del Tercer Mundo a través de una perspectiva poscolonial, contra el sesgo de las principales agencias mundiales. También participó en la resistencia a la invasión de Playa Girón, en 1961, y más tarde dejó Cuba para luchar por la independencia de Argelia, en 1963, y establecer su foco guerrillero en la selva de Salta, Argentina, donde desapareció el año siguiente. La película trae testimonios de colegas periodistas, ex combatientes, amigos y otras personas que compartieron trabajo y vida con Masetti, y se plantea una reflexión sobre el rol de la información contrahegemónica y de la lucha en la comunicación internacional.

Palabras clave: Jorge Ricardo Masetti; Revolución Cubana; lucha armada; agencias de noticias; Prensa Latinoamericana; América Latina

Cuba, abril de 1961. Um grupo de mercenários cubanos treinados pela CIA desembarca na Baía dos Porcos, no litoral sul da ilha, para tentar depor o regime instalado dois anos antes. Os comandantes da revolução vitoriosa, Fidel Castro e Che Guevara, rumam para o combate, chamando reforços de veteranos e companheiros de luta. Entre eles, o jornalista argentino Jorge Ricardo Masetti, fundador e ex-diretor da agência de notícias Prensa Latina, que vivia em Cuba desde o primeiro ano da revolução. A ideia era presenciar e cobrir o combate, num esforço de conter a guerra de desinformação da mídia norte-americana – parte da qual chegara a noticiar que Che tinha sido ferido e Fidel pediria asilo no México. Mas Masetti troca a máquina de escrever pelo fuzil. Naquele momento, achava o jornalismo insuficiente e, assim, deixava de escrever notícias por preferir escrever a História.

O episódio é contado no documentário argentino *Arriba los que Luchan* – Jorge Ricardo Masetti y la batalla en la comunicación, lançado em 2014 pelo Grupo de Cine Maldito, e marca o rito de passagem do jornalista para o guerrilheiro. Dirigido por Claudia Righetti e Ezequiel Gómez Jungmann, o longa-metragem acompanha a trajetória do argentino desde a juventude em Buenos Aires, iniciada na militância peronista nos anos 40, depois a carreira como jornalista investigativo, até o desaparecimento em 1964 na guerrilha de Salta, floresta tropical do norte da Argentina, parte do projeto guevarista de rastilhar a revolução partindo das matas para as cidades.

Masetti tomara contato com Che e Fidel em meados de 1958, quando subiu a Sierra Maestra como repórter para entrevistar os guerrilheiros que, desde dois anos antes, abalavam a ditadura de Fulgencio Batista e alimentavam toda sorte de notícias e boatos na imprensa latino-americana. Instigado pela incógnita e pela desinformação, propôs à Rádio El Mundo, emissora portenha onde trabalhava, viajar a Cuba para entrevistar os líderes do movimento. Testemunhou a violência dos soldados de Batista contra a população rural, a corrupção incitada pela máfia americana e a coragem e a retidão dos revolucionários. De lá, transmitiu as entrevistas em ondas curtas pela Rádio Rebelde, emissora montada por Che. Ganhou a amizade do compatriota argentino e a simpatia de Fidel. Subiu a Sierra como repórter, desceu revolucionário.

O nome do filme deriva do título do livro escrito por Masetti logo após voltar da Sierra Maestra, *Los que Luchan y los que Lloran*, e o roteiro incorpora trechos pontuados como narração em off, extraídos dos dois prefácios escritos para as diferentes edições – o primeiro, pelo colega e amigo Rodolfo Walsh; e o segundo, pela filha, Graciela Masetti. “Ao sair de Cuba com seu passaporte falsificado e voltar para Buenos Aires, Masetti teve a sensação de deixar para trás o mundo dos que lutam e voltar para o mundo dos que choram – uma percepção que iria marcar sua vida e precipitar sua morte”, escreveu Walsh.

O sentimento incômodo de estar “desertando” não o abandonou. Pelos meses seguintes, para lançar o livro, passou a dar palestras na Argentina e no Uruguai sobre a luta dos revolucionários cubanos, inspirando outros jovens a ingressar as fileiras das guerrilhas, o que motivou ameaças de morte contra ele e sua família.

Assim que a Revolução Cubana triunfou, em 1º de janeiro de 1959, Che Guevara despachou um avião a Buenos Aires para buscar os exilados cubanos na Argentina e mandou um recado para Masetti embarcar junto com a família. De quebra, ainda levou Walsh – com quem trabalhara na Agencia Latina, uma experiência efêmera dos peronistas depois do golpe que derrubou Perón em 1955 – e Rogelio García Lupo, que mais tarde seria um dos mais conhecidos jornalistas argentinos. “O mais difícil começa agora”, previu Masetti, ao desembarcar em Havana um dia antes da chegada de Fidel à capital.

Uma vez em Cuba, a primeira missão dos argentinos foi ajudar Che na campanha de contra-informação para desmentir notícias publicadas na mídia estrangeira de que os julgamentos dos torturadores e criminosos do regime de Batista seriam “execuções em massa”. Masetti, Walsh e García Lupo convocaram uma entrevista coletiva do governo cubano para mais de 200 jornalistas estrangeiros, batizada de “Operação Verdade”, com uma manifestação de um milhão de cubanos nas ruas em apoio aos processos de justiça.

Ali, perceberam que boa parte da desinformação reproduzida pela imprensa do continente tinha origem nos despachos enviados pela Associated Press (AP) e pela United Press International (UPI), as duas agências estadunidenses que continuaram operando em Cuba depois da revolução¹.

Che e Fidel citavam nominalmente a AP e a UPI em discursos e não demoraram a perceber que uma agência de notícias, por sua função de distribuir para multiplicar informações, era mais eficaz e de muito maior alcance que um jornal, rádio ou TV. Assim, orientaram Masetti e seus colegas a estabelecer uma agência voltada não só para Cuba, mas para toda a América Latina e o Caribe.

Em 16 de junho de 1959, começava a operar a Agencia Informativa Prensa Latina S.A., projetada para ser o megafone de todos os processos de libertação nacional na região. A empresa foi instalada no prédio do Ministério da Saúde e contratou cerca de 80 profissionais, entre cubanos e estrangeiros. Logo de início, uma ênfase muito grande foi posta nos serviços de tradução, para divulgar notícias não só em espanhol, mas também em inglês – e, posteriormente, em português, francês e russo.

Por ser a única fonte de informação sobre o andamento da Revolução Cubana, a agência teve grande procura por parte da imprensa internacional, inclusive de jornais privados e conservadores, que pagavam para assinar seu serviço. Em novembro de 1959, mais de 1.200 veículos reproduziam os despachos da Prensa Latina. A receita com isso permitiu à empresa nascente pagar bons salários aos jornalistas e tradutores. Masetti viajou a Caracas, Bogotá, Panamá, Rio de Janeiro, sua Buenos Aires natal e até aos EUA para divulgar o serviço, fazer contatos, contratar correspondentes, abrir sucursais e angariar clientes. Com habilidade diplomática, conseguiu equipamentos com os russos, uma estação de transmissão com chineses e até canais de teletipo com americanos. Atraiu ainda colaboradores de renome, como Gabriel García Márquez, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Miguel Ángel Asturias. A saudação mais enfática, porém, foi feita pelo poeta chileno Pablo Neruda: *Monopolizar o cobre é ruim. Monopolizar petróleo, café, barcos, trigo, é pior ainda. Monopolizar notícias é crime. Já sofremos bastante. Informaram-nos à força sobre o estilo de vida norte-americano, chicletes, divórcios, foguetes que não decolam, embaixadoras frívolas que ainda odeiam Lincoln. Queremos notícias do mundo inteiro, sobretudo dos nossos países irmãos da América. Vocês são a primeira janela que deixará entrar ar. Respiremos!* escreveu Neruda.

O próprio Che Guevara gostava de colaborar com a agência. O uruguaio Carlos María Gutiérrez trabalhou com Masetti e Walsh na Prensa Latina e conta, em depoimento ao livro *Prensa Latina: un desafío al monopolio de la intriga*, de 1981², que o revolucionário argentino aparecia na redação de surpresa, às vezes tarde da noite e, enquanto dividia um chimarrão com os compatriotas, sentava-se à máquina de escrever e começava a redigir editoriais.

Mesmo ocupando um cargo de chefia, Masetti continuou trabalhando como repórter. Foi o primeiro a conseguir uma entrevista exclusiva com Jânio Quadros, depois de empossado presidente do Brasil. Em 1960, a Prensa Latina sediou um encontro internacional de agências de notícias do bloco socialista, com delegados da TASS soviética, a TANJUG iugoslava, a BTA búlgara, a ČTK tchecoslovaca, a PAP polonesa e a ADN da Alemanha Oriental. O alinhamento ideológico, acreditava o jornalista argentino, não seria impedimento para a objetividade que, por sua vez, não conflitava com o engajamento. *“Somos objetivos, mas não imparciais. Consideramos que é uma covardia ser imparcial, porque não se pode ser imparcial entre o bem e o mal”*, disse Jorge Masetti em discurso no I Congresso Latino-Americano da Juventude, em Havana, em agosto de 1960, e citado no documentário.

Graças à sagacidade de Walsh, um telegrama encriptado, interceptado da Guatemala pelo sistema da agência no início de 1961, foi decodificado como um indício de invasão no sul da ilha. O serviço de inteligência foi avisado e começaram os preparativos para a defesa. Semanas mais tarde, a ameaça seria concretizada com o desembarque na Baía dos Porcos, mas, graças à Prensa Latina, os revolucionários não estavam desprevenidos.

Os Estados Unidos perceberam que a agência era um foco de contra-informação e, pouco depois do rompimento e do embargo, começaram a pressionar os países da região para incluírem a empresa cubana no bloqueio. A SIP (Sociedade Interamericana de Imprensa, órgão patronal dos jornais do continente) iniciou uma chantagem para seus associados cancelarem as assinaturas. Governos alinhados a Washington mandaram fechar as sucursais da agência, e o chefe do escritório em Nova York, o veterano jornalista cubano Francisco Portela, foi preso pelo FBI.

Durante os anos 60 e 70, nos debates sobre o imperialismo midiático, a dominação na comunicação e a campanha pela Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (NOMIC),³ as atenções foram concentradas nas agências de notícias, como disseminadoras e concentradoras das fontes de informação. No entanto, com o intenso boicote por parte da mídia privada e das potências ocidentais, o assunto caiu no esquecimento e as agências voltaram ao seu papel discreto, porém maciço, de fornecedores de conteúdo jornalístico para a comunicação de massa.

O curioso é que, agora, no século XXI, o cenário da convergência tecnológica deveria reabrir o debate. À medida que as redações se encolhem e demitem jornalistas, passam a depender cada vez mais de produtores externos de conteúdo para alimentar suas páginas (impressas ou digitais), e estas são justamente as assessorias e as agências de notícias.

O grande público, as associações de classe e o meio acadêmico podem ainda não ter acordado para isso, mas tanto o capital quanto o Estado já perceberam essa tendência, e por isso voltam a investir em agências como setor estratégico. Na América Latina, a recente ULAN (União Latino-Americana de Agências de Notícias) lançou este ano um portal conjunto (ANSUR.am) que reúne textos e fotos fornecidos pelas empresas-membro – todas estatais –, enquanto os jornais e grupos privados de mídia da região se associam em consórcios empresariais e editoriais como o GDA (Grupo de Diarios América) e o PAL (Periódicos Asociados Latinoamericanos), que têm tanto a função de captar dólares com anunciantes norte-americanos quanto promover intercâmbio jornalístico em pautas coordenadas, geralmente críticas aos governos progressistas da “Guinada à Esquerda”.

Já naquela época, Jorge Masetti fazia parte de toda uma geração de jornalistas argentinos que optou pelas agências de notícias como modalidade preferencial de divulgar as informações que não recebiam espaço na imprensa tradicional. O próprio Rodolfo Walsh, quando voltou ao país natal, criou a ANCLA – Agencia de Noticias Clandestina, cuja história é contada no livro de Natalia Vinelli⁴. O contemporâneo Horacio Verbitsky, vivo até hoje, também participou dessa iniciativa e, junto a Walsh, militou mais tarde na guerrilha urbana dos Montoneros. Walsh desapareceria em 1977, depois de ter sido baleado por militares. Na mesma época, Jacobo Timerman trabalhava para a agência francesa AFP enquanto militava no partido

peronista. O saltenho José María Pasquini dirigiu a agência independente IPS e virou relator da UNESCO especializado no desenvolvimento de agências de notícias para a América Latina⁵. Vários deles – os que sobreviveram – se reencontrariam na revista *Primera Plana*, fundada por Timerman, e, depois, no jornal *Página/12*, de Pasquini e Jorge Lanata.

Em 1962, depois de se ver absorvido pelo trabalho – o que possivelmente leva ao fim de seu casamento –, Masetti decide sair da agência definitivamente (já o fizera no ano anterior, mas fora chamado a voltar depois da invasão à Baía dos Porcos) e inicia treinamento de guerrilha em Matanzas. “*Tudo o que ele fazia era com paixão – como se deve fazer as coisas*”, lembra um de seus antigos companheiros no filme.

Em 1963, deixa Cuba e vai para a Argélia, então em plena guerra de independência contra os franceses. É no país africano que Jorge Masetti decide ingressar de cabeça na vida guerrilheira. Começa contrabandeando armas da Tunísia para os argelinos. Pouco depois, volta à Argentina, num período de turbulência política e violência em Buenos Aires e outras cidades. A partir daí, decide instalar uma guerrilha na selva argentina. “O jornalismo não se abandona. Só muda de forma”, dizia Masetti.

À frente do grupo, assume o codinome de Comandante Segundo – referência dupla tanto ao gaúcho Segundo Sombra, personagem clássico da literatura argentina, quanto ao fato de o “comandante primeiro” ser Che Guevara, que se instalava do outro lado da fronteira, na Bolívia. Mas sofre com a falta de adesão da população local, composta não por famílias de camponeses, mas posseiros a serviço de latifundiários, e com a inexperiência dos outros combatentes, “gente do asfalto”, pouco acostumados às dificuldades da vida no mato.

O despreparo cobra seu preço. Entre março e abril de 1964, os militares argentinos tomam o acampamento, confiscam os mantimentos e prendem os guerrilheiros, com facilidade. Os que escapam morrem de fome na selva. Jorge Ricardo Masetti, aos 34 anos, nunca mais seria visto. “*Quando tudo está perdido, quando o furor da selva praticamente aniquilou seu grupo, Masetti faz sua mochila e se embrenha na mata, morro acima. Nunca mais aparece. Dissolveu-se na selva, na chuva, no tempo*”, homenageou-lhe Rodolfo Walsh, à guisa de epitáfio.

A narrativa do filme opta por uma rígida linearidade para justificar a transformação moral e ideológica do repórter que virou guerrilheiro. Além de García Lupo, o documentário traz depoimentos de Gabriel Molina e José Bodes Gómez, colegas de Masetti na Prensa Latina; do jornalista argentino Osvaldo Bayer (roteirista de La Patagonia Rebelde); do advogado Antonio Llibre, do médico Óscar Fernández Mel, também da Sierra Maestra; e de Guillermo Jiménez, outro jornalista que se tornara combatente. “Hoje sei que, se você não tivesse morrido em Salta, teriam te assassinado depois, já que você fazia parte dessa classe de homens que é preciso destruir para fazer possível esse mundo no qual vivemos”, diz o texto da filha Graciela narrado no documentário.

Jorge Masetti, aliás, não foi um caso isolado nessa passagem: outros profissionais deixaram as redações para se engajar no combate contra as ditaduras e regimes corruptos da América Latina entre os anos 60 e 70 do século XX. Além de Walsh e Verbitsky, os uruguaios Luis Nelson Martirena e Ivette Jiménez (depois mortos em Montevideu), o chileno Elmo Catalá (caído com Che na Bolívia), o argentino Juan Gelman, o cubano Ulises Estrada (que aparece no filme dando um de seus últimos depoimentos, já que morreu em janeiro de 2014), o guatemalteco Elías Barahona, o nicaragüense William Ramírez, o venezuelano Fabricio Ojeda e os brasileiros Franklin Martins e Fernando Gabeira, entre tantos mais, passaram dos jornais para a luta armada, numa época em que a “batalha da mídia” era mais que uma simples metáfora.

Referências

1. Del Barrio J C S. El periodismo en los años del Che, Bolívia. Rev Ciencia y Cultura. 2015; 34 (19).
2. Uberuaga M B A, Cabrera, G B. Prensa Latina: un desafío al monopolio de la intriga. Havana: Política, 1981.
3. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.
4. Vinelli N. ANCLA: una experiencia de comunicación clandestina orientada por Rodolfo Walsh. Buenos Aires: Cooperativa Gráfica El Río Suena, 2011. (4)
5. Palacios H S. Las Agencias de Noticias en América Latina: estructura y funcionamiento. México: Trillas, 1990.